

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
e Educação Básica

RENAN MARTINS DE CARVALHO

VALENTE E MOANA:

O uso do audiovisual na abordagem sobre papéis sociais de gênero

Rio de Janeiro
2019



Renan Martins de Carvalho

VALENTE E MOANA:

O uso do audiovisual na abordagem sobre papéis sociais de gênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Orientador Professor Roberto Mosca Junior, M.e.

Rio de Janeiro

2019

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C331 Carvalho, Renan Martins de
Valente e Moana: o uso do audiovisual na abordagem sobre papéis
sociais de gênero / Renan Martins de Carvalho. – Rio de Janeiro, 2019.

42 f.

Monografia (Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação
Básica) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Roberto Mosca Junior.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Animação (Cinematográfica). 3.
Cinema na educação. 4. Recursos audiovisuais. I. Mosca Junior, Roberto.
II. Título.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

Renan Martins de Carvalho

VALENTE E MOANA:

O uso do audiovisual na abordagem sobre papéis sociais de gênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Aprovado em: ____/____/____.

Prof. M.e. Roberto Mosca Junior (Orientador)
Colégio Pedro II

Prof^a. M.e. Raquel Simas
Colégio Pedro II

Prof^a. M.e. Luna Campos
CEFET-RJ

*Para minha família e amigos, que possibilitaram
cada passo na minha trajetória.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Roberto Mosca Jr., por ter abraçado minhas ideias e colaborado com seu conhecimento.

Às professoras e aos professores da Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica, por compartilharem os saberes a cada encontro com a turma.

Às professoras Janecleide Aguiar, Luna Campos e Raquel Simas, por aceitarem o convite e participarem formalmente da minha banca de defesa.

A todos os colegas da Especialização, que seguiram até o fim, apesar das dificuldades.

À minha família, pelo apoio em cada etapa.

Aos amigos/as – que entenderam todas as minhas escolhas e cada momento da minha ausência, para que pudesse seguir na minha trajetória.

(...) a escola precisa estar sempre preparada para apresentar não uma verdade absoluta, mas sim uma reflexão que possibilite aos alunos e às alunas compreenderem as implicações éticas e políticas de diferentes posições sobre o tema e construir sua própria opinião nesse debate. A ideia de que educação não é doutrinação talvez valha aqui mais do que em qualquer outro campo, pois estaremos lidando com valores sociais muito arraigados e fundamentais.

(GÊNERO e diversidade na escola, p. 14, 2009).

RESUMO

CARVALHO, Renan Martins de. **Valente e Moana**: O uso do audiovisual na abordagem sobre papéis sociais de gênero. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

Este trabalho objetivou refletir sobre a desigualdade nos papéis sociais de gênero, propondo o debate para jovens do 7º ano do ensino fundamental do Colégio Pedro II, tendo como base o currículo escolar da instituição e o tema da construção social das desigualdades de gênero no Brasil. Utilizando-se do recurso audiovisual, foi realizada a análise de duas animações dos estúdios Disney já dos anos 2010, com protagonistas mulheres - sendo elas “Valente” e “Moana – um mar de aventuras”. Além disso, adotou-se a pesquisa bibliográfica de autores e estudiosos de gênero e do uso do audiovisual em sala de aula. Somada à análise dos filmes e das referências bibliográficas, foi realizada uma intervenção pedagógica na qual o corpo discente interagiu de forma dialógica entre si e com o professor, debatendo os conceitos e construindo o espaço de forma crítica.

Palavras-chave: Audiovisual. Gênero. Animação. Cinema e Sociologia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Primeira Fase: Princesas Clássicas	16
1.2	Segunda Fase: Renascimento	18
1.3	Terceira Fase: Era Moderna.....	20
2	Merida e Moana em sala de aula	24
2.1	“Um arco Fergus? Ela é uma dama!”	27
2.2	“Primeiro, eu não sou uma princesa.”	30
2.3	Proposta de intervenção Pedagógica.....	32
3	CONCLUSÃO	36
4	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE A - Plano de aula	40
	APÊNDICE B – Roteiro de aula.....	43

INTRODUÇÃO

Partindo da minha trajetória pessoal, formado em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2015 (habilitado como bacharel e licenciado), nunca exerci a profissão, apesar do interesse despertado pela área da educação nos tempos de formação acadêmica. Visando retornar aos estudos no ano de 2017 e almejando concursos públicos na área, buscava uma segunda formação imaginando que o curso de Pedagogia me traria novas possibilidades. Sempre tive desejo e interesse por trabalhar com educação e crianças - descoberto por meio de um trabalho voluntário no qual participo dando aulas de *Tae Kwon Do* num projeto social, envolvendo um público de faixa etária variada, incluindo crianças. Foi quando resolvi me matricular num curso técnico de formação de professores, numa escola particular próxima da minha residência – que me habilitaria à dar aula para o público do ensino fundamental. Este curso me demandaria menos tempo que uma segunda graduação e menor deslocamento.

No segundo semestre de 2018, já com o curso técnico concluído, ingressei na Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica do Colégio Pedro II – instituição da qual fui aluno durante quase todo o período da educação básica (entre os anos de 1999 e 2007). Após o curso de um ano, com encontros estimulantes e trocando informações com professores e colegas de sala, tentava participar com base nos textos e leituras anteriores, já que não estava exercendo o ofício em sala de aula. Dentre as oito disciplinas cursadas presencialmente, cada uma teve sua devida importância para a construção do objeto final. Desde releitura de textos e autores clássicos, passando pela análise de políticas públicas voltadas para a educação e da intermitência da Sociologia nos currículos, até disciplinas que desconstruíam e reconstruíam saberes e suas formas na prática. Estas propostas relacionavam diferentes práticas pedagógicas, trazendo alternativas para o estudo e utilização das Ciências Sociais.

No segundo semestre do curso, uma das disciplinas propunha a construção do pré-projeto do trabalho de conclusão de curso e, nesse momento, recorri às bases da minha pesquisa. Por fim, me vi frente à realização da monografia para que pudesse encerrar mais este ciclo. Dentre as possibilidades de temas e recortes, busquei na minha experiência com as crianças no ano anterior, além de percepções do dia a dia, vivências e pontos que pudessem dar luz para esta última prática da Pós Graduação. O tema serve de base para futuras análises e pesquisas – não só minhas, visto que os campos abordados (animações cinematográficas e juventudes) demandam constante estudos.

Entre o segundo semestre de 2017 e o início de 2018, por meio das aulas práticas do curso de formação de professores e estágios supervisionados, participei diariamente da rotina de uma pequena escola particular situada no mesmo bairro (e do mesmo responsável) da instituição na qual me matriculei. Tive contato direto com crianças do maternal ao 5º ano do ensino fundamental tendo oportunidade de acompanhar todas estas faixas etárias através de aulas regulares, reforço escolar, do chamado horário integral no contra turno das aulas, além dos horários de entrada, saída e intervalos. Foi neste período de tempo que pude observar a rotina bem estabelecida da escola. Os discentes chegavam e organizavam filas, quando solicitados, os menores faziam atividades na sala que era compartilhada pela turma do maternal enquanto ficavam esperando alguém para buscá-los, estudavam, lanchavam e brincavam. Essa rotina se alterava por motivo de datas comemorativas ou eventos, modificando as atividades regulares para comportarem ensaios de dança, apresentações, etc.

Apesar da escola pertencer à iniciativa privada, suas mensalidades eram relativamente acessíveis quando comparadas às das tradicionais de classe média. Localizada na Zona Norte do município do Rio de Janeiro, no bairro de Higienópolis, na Avenida Dom Hélder Câmara (uma das principais da cidade), a escola recebe alunos com perfis socioeconômicos variados: alunos com bolsas integrais, parciais e pagantes. Assim, podia-se observar, para além do uniforme escolar utilizado por todos, calçados, adornos, casacos e materiais escolares variados. Uns com muitas cores e brilhos, outros mais simples; alguns estampados com personagens de filmes, animações da TV e do cinema e super-heróis, outros mais populares e com menor apelo estético. Dentre as muitas lembranças que guardo desse período, recordo não só desses materiais, mas das conversas e brincadeiras das crianças, que traziam pontos interessantes tanto para a formação do curso quanto para meu interesse pessoal.

Durante essa convivência, fiquei curioso como determinados tipos de vestimentas, brinquedos, brincadeiras e conversas estavam associados a determinados marcadores de gênero no ambiente escolar por consequência tanto da vivência das crianças quanto das próprias professoras (todas mulheres). Dessa forma, as atenções das crianças voltaram-se para o universo fictício dos personagens de animação (excluídos aqueles que entretinham especialmente crianças do maternal ou pré-escola sem aparente distinção de gênero), com um recorte específico que remetia tanto a meninos quanto meninas. Aqui, ressalto a presença de protagonistas femininas das animações, especialmente da empresa Disney¹, em vários âmbitos

¹ *The Walt Disney Company* surgiu em 1923 com o nome de *Disney Brothers Cartoon Studio*. Dividindo-se em pequenas companhias, a empresa já tinha lançado curtas e longas metragens, animações e shows na televisão, além de ter aberto seu próprio parque até os anos 1960. Na década de 1980, já possuía a transmissão de canal próprio

da vida escolar das meninas: nos calçados, estojos, cadernos, pastas, casacos, adornos e adesivos. Para além do caráter de entretenimento dos filmes, tais personagens alcançam o campo do consumo de forma consistente, alguns atravessando gerações desde seu lançamento nos cinemas. Esta relação entre mídia, gênero e consumo, gera produtos “generificados” (BUENO, 2012) voltados para meninos ou meninas de idades específicas. Dessa forma, os personagens são consumidos para além dos próprios filmes e desenhos, muitas vezes podendo até ser conhecidos pelas crianças primeiramente pelos produtos que estampam. No caso das meninas, em especial, as personagens aparecem de vestidos, geralmente nas cores rosa, lilás ou vermelho, muitas vezes acompanhadas de animais e castelos.

Nesse trabalho de Conclusão de Curso, atento para as protagonistas de animações da Disney, geralmente conhecidas como Princesas, e opto por duas das mais recentes lançadas pela empresa nos últimos anos. Aproveito para abordar os papéis de gênero, utilizando o pensamento de Guacira Lopes Louro (1997) no que tange este assunto.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p 21).

Aqui, Louro traz no seu texto a ideia da construção social do conceito de gênero. Dessa forma, as relações entre homens e mulheres podem variar de acordo com a sociedade analisada.

Assim, parto das animações “Valente” e “Moana: Um Mar de Aventuras” como dispositivos pedagógicos em sala de aula no segundo segmento do Ensino Fundamental². Seguindo este paradigma, como nos indica Napolitano (2009):

Um filme, como experiência estética e cultural, pode ser visto sob diversos ângulos e chaves de leitura, dialogando, por exemplo, com os repertórios culturais e valores dos espectadores. Sejam documentários ou ficções, os filmes podem ter muitos sentidos

na TV e seu primeiro parque internacional, inaugurado em Tokyo. Em 1986 a empresa muda para o nome atual, e desde 1996 faz a aquisição de importantes estúdios e empresas do ramo do entretenimento, se tornando hoje o maior conglomerado de mídia do mundo, sendo detentora da ABC, *Pixar Animation Studios*, *Marvel Entertainment*, *Lucasfilm* e mais recentemente da *21st Century Fox* (comandando agora ESPN, FX e *National Geographic*). Disponível em: < <https://www.thewaltdisneycompany.com/about/>>. Acesso em: 20 set. 2019

² A proposta baseia-se no currículo do Colégio Pedro II, vigente em 2019. Na disciplina de Ciências Sociais, as turmas do 7º ano abordam temas como “A construção social das desigualdades de gênero” e “As desigualdades raciais e de gênero no Brasil: permanência das situações de invisibilidade, opressão e dominação”, tendo como ponto nodal as desigualdades de gênero.

e, num primeiro momento, apelam à emoção e à subjetividade (NAPOLITANO, 2009, p 11).

Outro motivo para a escolha é um gosto especial pelas animações da Disney. Desde minha infância, animações como Aladdin, Rei Leão, Toy Story, Os Incríveis, Up – Altas Aventuras, Monstros S.A. e Frozen permeiam tanto a memória de jovens adultos quanto a admiração de crianças – especialmente os títulos mais recentes. Como nos lembra Ana Lucia Lucas Martins (2007) acerca da aproximação entre professores e os recursos audiovisuais, “o uso de filmes em sala de aula está diretamente ligado à trajetória social dos professores e professoras. O gosto pelo filme, o entendimento da linguagem, não advém de um treinamento específico, mas de uma aprendizagem que realizaram ao longo da vida” (MARTINS, 2007, p 8).

Além da minha trajetória com as animações, observa-se o crescimento no alcance do estúdio. O século passado apenas consolidou a presença constante das animações da Disney desde sua primeira metade. Já no fim dos anos 1990, devido ao sucesso conquistado por protagonistas femininas ao longo do tempo, surgiu uma franquia chamada Disney Princesa, composta por Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida (Aurora), Jasmine, Mulan, Pocahontas, Bela e a Pequena Sereia (Ariel). Assim, as personagens compunham juntas coleções de brinquedos, jogos, participações em filmes e animações, além de vestuário e objetos de decoração e material escolar, presentes cada vez mais no dia a dia de meninas no mundo todo. Quantas garotas não tiveram como tema de suas festas, pelo menos uma destas personagens? As festas, assim como as roupas e os comportamentos são simbólicos no tema em questão, refletindo marcações fortes de gênero ainda na infância e adolescência. Nesse sentido,

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe ... (LOURO, 1997, p 28).

Imagem 1 – Personagens da franquia Disney Princesa até 2012



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/e/e8/Princesas-disney.png>

Com roteiros bem variados, desde os primeiros lançamentos, nos anos 2000 encontram-se muitos títulos marcantes e até então a maioria das animações de princesas já havia sido lançada - algumas inclusive com continuações de clássicos como Pequena Sereia³ e Cinderela⁴. Apesar da presença de princesas como Pocahontas e Mulan, que diferiam dos padrões observados desde os anos 1940 (docilidade, passividade e submissão) os anos 2010 trouxeram uma aparente tendência de personagens femininas protagonistas que rompiam muito com o que havia antes. Nessa década, apareceram Rapunzel (Enrolados – releitura do conto clássico dos Irmãos Grimm), Mérida (Valente), as irmãs Elsa e Ana (Frozen) e Moana (Moana – um mar de aventuras.).

A partir dessas, fiz meu recorte, selecionando duas animações que diferiam, de alguma forma, de todos os outros roteiros anteriores uma vez que o matrimônio ora era questionado pela protagonista (Valente) ou sequer abordado na trama (Moana). Dessa forma, analiso duas protagonistas mulheres, empoderadas⁵, que rompem com o estereótipo de princesas clássicas,

³ A Pequena Sereia II – O Retorno para o Mar, 2000. Distribuído pela Disney /Buena Vista.

⁴ Cinderela 2 – Os Sonhos de Realizam, 2002. Distribuído pela Disney / Buena Vista. Lançado diretamente em VHS. Cinderela 3 – Uma Volta no Tempo, 2007. Distribuído pela Disney / Buena Vista. Lançado diretamente em DVD.

⁵ O conceito de empoderamento é objeto de estudo de Cecília M. B. Sardenberg. No texto “Conceituando ‘Empoderamento’ na Perspectiva Feminista” de 2006, a autora cita o empoderamento de mulheres, como o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. Para as feministas, constitui-se de um instrumento/meio e um fim em si próprio. Implica na sua libertação das amarras da opressão de gênero, da opressão

especialmente das animações até os anos 1980, no que diz respeito aos papéis de gênero representados nas animações. Para tanto, faz-se necessário definir algumas delimitações: quais seriam os atributos das princesas clássicas e das “não clássicas”? O que mudou desde então?

Como referência, opto pela classificação utilizada por Kaitlin Ebersson no ano de 2014, em seu artigo *How Fourth-Wave Feminism is Changing Disney's Princesses* (Como a quarta onda do feminismo está mudando as princesas da Disney), em que atrela os lançamentos da empresa às demandas das ondas feministas. São identificadas três ondas principais do feminismo, além de uma quarta localizada por algumas feministas na segunda década do século XXI. Apesar de observarmos objetivos específicos em cada uma, é preciso reconhecer que tal análise não deve ser reducionista, visto que o debate gera atualizações e constantes transformações.

A primeira onda feminista, ocorrida nos Estados Unidos e na Europa, em meados do século XIX (até aproximadamente 1920), tinha como objetivos originários os mesmos princípios libertários que serviram de base para a abolição da escravidão. Tratava-se, basicamente, de mulheres brancas de classe média que exigiam o direito ao voto, o acesso igualitário à educação e direitos iguais no casamento. A segunda onda emergiu nos anos 1960 influenciada por textos que surgiram no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)⁶. As mulheres não observaram melhoria real em seu cotidiano após a aquisição dos direitos legais provenientes da primeira onda e, portanto, buscaram debater as desigualdades em casa e no trabalho, questionando as raízes da opressão. Tomaram o controle da natalidade, lutaram pelo direito ao aborto legal e denunciaram agressões físicas. No bojo destas demandas, eclodiu ainda o feminismo negro nos anos 1980. Nos anos 1990 surgiu a terceira onda, tendo como voz principalmente as mulheres negras e as minorias que insistiam na luta pela igualdade, abrangendo diversas correntes. Algumas feministas e estudiosos citam também a quarta onda que envolve a explosão de diferentes ativismos potencializados, principalmente, com o surgimento das mídias sociais⁷.

patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do processo de empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e findar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero.

⁶ Em 1949, Simone de Beauvoir escreve a primeira edição de “O Segundo Sexo”, importante livro para os movimentos feministas.

⁷ Para saber mais, ver *O livro do feminismo*, (Globo Livros, 2019).

1.1. Primeira fase: Princesas Clássicas

Devido à criação da franquia Disney Princesa, é comum chamar de princesas clássicas as oito primeiras componentes deste grupo. Entretanto, sugiro um recorte baseado nas histórias protagonizadas pelas personagens, visto que revelam diferenças de comportamento e personalidade. Os estúdios Disney tem seu primeiro lançamento em animação no ano de 1937, intitulado *Branca de Neve e os sete anões*⁸. A partir daí, outros títulos como *Cinderela* (1950)⁹ e *A Bela Adormecida* (1959)¹⁰ pareciam repetir alguns traços de roteiro muito parecidos, nos quais as protagonistas só conseguiam libertação e plena felicidade ao lado de um homem – o príncipe no final da trama. Até aqui, eram características das personagens a inocência, fragilidade, ingenuidade, enquanto seguiam de forma passiva nas suas histórias. Estas princesas são belas mulheres (considerando o padrão eurocêntrico) e sofrem devido a circunstâncias acima do seu controle, encontrando a salvação no amor de um homem poderoso. No trabalho de Xavier Filha (2011), uma etnografia com crianças do ensino infantil em escolas públicas e particulares, é possível perceber como se dá a percepção destas personagens pelos estudantes.

⁸ Uma rainha má e bela resolve, por inveja e vaidade, mandar matar sua enteada, Branca de Neve, a mais linda de todo o reino. Mas o carrasco que deveria assassiná-la, a deixa partir e, durante sua fuga pela floresta, ela encontra a cabana dos sete anões, que trabalham em uma mina e passam a protegê-la. Algum tempo depois, quando descobre que Branca de Neve continua viva, a Bruxa Má disfarça-se e vai atrás da moça com uma maçã envenenada, que faz com que Branca de Neve caia em um sono profundo até o dia em que um beijo do amor verdadeiro a faça despertar. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-27524/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

⁹ Cinderela (Ilene Woods/ Simone de Moraes) vive com sua madrasta, Lady Tremaine (Eleanor Audley/ Tina Vita), e as duas filhas dela. Obrigada a trabalhar como empregada da casa, ela tem como amigos apenas os animais que a rodeiam. O local em que vive está agitado devido ao baile que será realizado no castelo, o qual contará com a presença do príncipe (William Phipps/ Jorge Goulart). Como Lady Tremaine pretende que uma das filhas se case com ele, elas se preparam com requinte para o evento. Cinderela, entretanto, não pode ir. Até que surge a Fada-madrinha (Verna Felton/ Maria Helena Pader), que dá a Cinderela um vestido e condições para que possa ir ao baile em alto estilo. Entretanto há uma condição: Cinderela precisa retornar antes da meia-noite, caso contrário o feitiço será desfeito. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-38826/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

¹⁰ Todo o reino comemora quando nasce a princesa Aurora (Mary Costa/ Maria Alice Barreto), filha dos reis Estevão (Taylor Holmes/ Roberto de Cleto) e Leah (Verna Felton/ Selma Lopes). Três fadas, Fauna (Barbara Jo Allen/ Nádia Maria), Flora (Verna Felton/ Nancy Wanderley) e Primavera (Barbara Luddy/ Joyce de Oliveira), dão presentes mágicos à recém nascida. Em meio à festa, surge Malévola (Eleanor Audley/ Heloísa Helena), que amaldiçoa Aurora dizendo que ela morrerá quando completar 16 anos, ao espetar o dedo em uma roca. Primavera consegue fazer um feitiço no bebê, de forma que Aurora desperte do sono eterno ao receber um beijo de amor. Para protegê-la, as fadas passam a cuidar dela como se fosse sua filha, recebendo o nome de Briar Rose. Ao completar 16 anos, Aurora conhece o príncipe Filipe (Bill Shirley/ Maurício Sherman), por quem se apaixona. Só que Malévola sequestra o príncipe e, como havia previsto, faz com que Aurora espete o dedo e caia em sono profundo. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2590/>>. Acesso em: 19 set. 2019

A princesa dos contos de fadas das narrativas das crianças, tanto das meninas quanto dos meninos, tem características físicas semelhantes: branca, loira, magra, alta, com cintura fina, cabelo comprido – liso ou levemente cacheado –; usa vestido comprido nas cores amarela ou rosa. Algumas meninas desenharam princesas com cabelos pretos, na altura do pescoço. O que se observou de destoante nas produções dos meninos em relação às das meninas é que elas incorporaram em seus discursos as imagens e as características socialmente aceitas e ensinadas sobre as princesas dos contos de fadas clássicos. Já os meninos se ligaram a características diferentes das meninas, como princesas de cabelo curto, cabelo ruivo, cabelo desarrumado; princesa dentuça; princesa que usa bota, calça comprida e vestido na tonalidade azul (XAVIER FILHA, 2011, p 593).

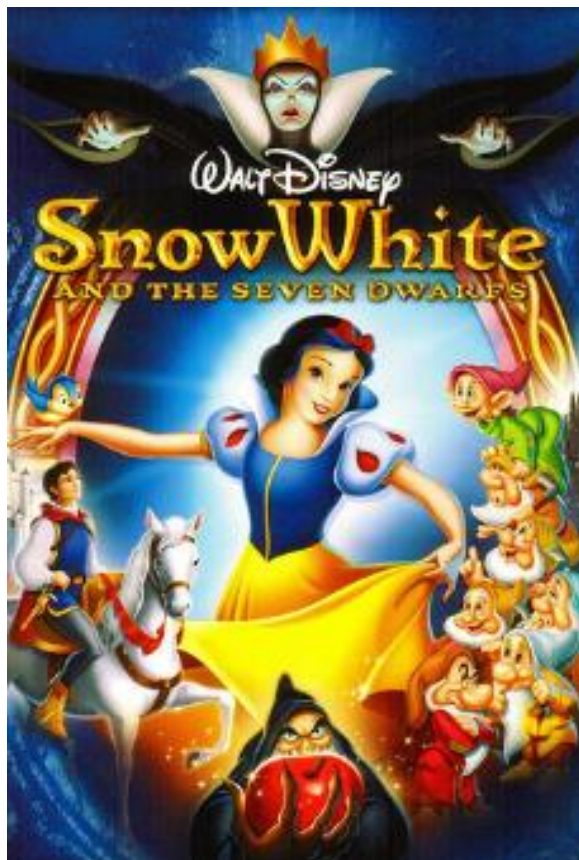
Por mais que as histórias tenham sofrido mudanças ao longo do tempo, parece que muitos destes traços ainda seguem marcados de forma muito forte no imaginário infantil. Aqui deve-se destacar também a interação destas narrativas com a indústria cultural¹¹, fazendo com que pais e crianças participem como espectadores e consumidores de produtos variados, de forma que comportamentos se reafirmem e sejam reapropriados o tempo todo, atravessando gerações.

As características pessoais e comportamentais das princesas também foram demarcadas nas narrativas. As comuns (de meninos e meninas) indicavam que a princesa seria feliz, vaidosa, linda, bonita, simpática, legal, alegre; que adoraria animais e gostaria de ter um príncipe encantado. Os meninos também afirmaram que as princesas têm amigos/as; são sorridentes e gostam de boneca, vestido e calça. As meninas, por sua vez, falaram de inúmeras outras condutas desejáveis para a princesa, tais como asseio, doçura, discricção, delicadeza, inteligência, fofura, meiguice, amabilidade; e algumas competências, como gostar de cozinhar, ser prendada, ser divertida, gostar da cor rosa, não ser gulosa e ficar à espera do príncipe encantado. (XAVIER FILHA, 2011, p 594)

Talvez essa representação das princesas se dê por reflexo do referencial dos pais que consumiram estas histórias por anos, ou por não haver alternativas no cenário do entretenimento hegemônico até que princesas com maior protagonismo fossem apresentadas. Assim, A Branca de Neve e os sete anões, Cinderela e A Bela Adormecida refletiam uma cultura na qual mulheres haviam recebido direitos políticos, mas ainda não possuíam a igualdade social e a autonomia sexual – o que aparecerá anos depois em outras películas. Aqui, é possível citar especialmente Mulan, já no fim dos anos 1990.

¹¹ No ano de 1947, Adorno e Horkheimer desenvolveram o conceito de indústria cultural para demonstrar que a massificação cultural teve tanta importância quanto o totalitarismo político para assegurar que as classes trabalhadoras fossem dominadas na Alemanha Nazista.

Imagem 2 – Branca de Neve e os sete anões



Fonte: https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Branca_de_Neve_e_os_Sete_An%C3%B5es

1.2. Segunda fase: Renascimento

Com o lançamento do filme *A Pequena Sereia* (1989) é possível demarcar o início de uma nova fase das animações protagonizadas por personagens femininas. Posteriormente, *A Bela e a Fera* (1991), *Aladdin* (1992)¹², *Pocahontas* (1995) e *Mulan* (1998) completam o período no qual as personagens ganham maior importância, deixando a passividade de lado e mostrando mulheres que buscam seus interesses, mesmo que movidas pelo amor a um homem. Observam-se mudanças nas vestimentas e posturas, além das personalidades marcantes. São apresentados a primeira protagonista ruiva (*Ariel*), enredos com valorização de outras culturas e respeito à natureza, além da primeira protagonista não branca (a indígena *Pocahontas*), concluindo com a primeira protagonista chinesa e que manuseia armas (*Mulan*). Vale chamar atenção aqui para a narrativa desta última, que corta o próprio cabelo com uma espada e se veste de homem para poder participar da guerra, no lugar do seu pai. Além de subverter os papéis de gênero

¹² Vale ressaltar que a princesa *Jasmine* não é protagonista da animação, porém é incluída no hall da franquia *Disney Princesa* desde sua criação. Tem grande participação, é princesa por nascimento e casa-se com o protagonista.

apresentados até então, Mulan é a primeira personagem que não é princesa por nascimento ou casamento¹³, embora seja incluída na franquia. Bueno apresenta Ariel e Mulan como protagonistas rebeldes quando comparadas às princesas clássicas.

Se de um lado a Disney colocava as protagonistas de Branca de Neve e os sete anões (1937), Cinderela (1950), A Bela adormecida (1959) e A Bela e a fera (1991) como representantes daquilo que chamou de “Princesas Clássicas”, no outro lado, como “Rebeldes” estavam identificadas Ariel, de A Pequena Sereia (1989) e Mulan, de seu filme homônimo (1998). Ariel, a sereia, é aquela que briga com seu pai e abdica do reino marinho para poder ficar junto de seu amor e Mulan, a guerreira chinesa, é aquela que se traveste de soldado, vai para a guerra no lugar de seu pai e lá conhece o homem por quem virá a se apaixonar (BUENO, 2012, p 45).

Imagem 3 – Cena do filme Mulan



Fonte: <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-09-08/disney-cenas-dramaticas.html>

Aproximadamente dos anos 1950 aos anos 80 desencadeou-se uma segunda onda de feminismo que alterou radicalmente o tratamento da sociedade em relação às mulheres. Ao lado da reivindicação pelos direitos civis, teve foco a igualdade legal e social das mulheres e o fim do sexismo e da misoginia. As feministas denunciaram as estruturas de poder sexistas de uma sociedade patriarcal que oprimiam as mulheres conduzindo-as a construções tradicionalmente femininas, como o lar e a criação de filhos. As mulheres lutaram pelas oportunidades naturalmente oferecidas aos homens, como uma carreira de sucesso ou controle sobre a própria liberdade sexual (unindo-se a questões de estupro, aborto e controle de natalidade).

¹³ No site https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Lista_de_princesas_da_Disney encontra-se uma lista de “princesas” da Disney classificadas por nascimento (que são filhas de reis, rainhas, governantes), por casamento (por terem se casado com um príncipe), que não são princesas (mesmo inclusas na franquia ou sendo chamadas assim) e personagens questionáveis.

Já nos anos 1990, a terceira onda (vinculada especialmente à sexualidade feminina) surgiu complementando as ausências da segunda. Aos problemas de mulheres heterossexuais, brancas, de classes alta e média eram somadas questões específicas de diferentes raças, classes e orientações sexuais e multiculturais. Esta nova fase começou a desestabilizar antigas concepções de corpo, gênero e sexualidade, encorajando as mulheres a definirem, por si mesmas, as noções de feminilidade, beleza, superando as representações do patriarcado.

Nos filmes, ainda há a motivação, por parte da maioria das princesas, de cultivar relacionamentos amorosos heterossexuais, ou pelo menos estes ainda fazem parte das histórias. Durante a terceira fase, observa-se uma mudança nas narrativas.

1.3 Terceira fase: Era Moderna

O último período de animações protagonizadas por mulheres tem início com o lançamento de *A Princesa e o Sapo* (2009), seguido de *Enrolados* (2010), *Valente* (2012), *Frozen* (2013) e *Moana – Um Mar de Aventuras* (2016). Nestas produções, as personagens tem interesses próprios e os relacionamentos amorosos são deixados em segundo plano – ou são inexistentes frente às tramas pessoais e familiares. Os príncipes deixam de ser prioridade, atuando como personagens presentes porém não mais essenciais para as histórias. Aqui, já é possível falar de uma igualdade entre personagens masculinos e protagonistas femininas, visto que estas são finalmente retratadas como aventureiras, poderosas e batalhadoras. A expressão corporal muda, além das roupas e comportamentos. Apresenta-se a primeira princesa negra (*Tiana – A Princesa e o Sapo*), adaptação moderna da princesa Rapunzel criada pelos irmãos Grimm (*Enrolados*), a princesa que não aceita as tradições impostas pela sociedade / família (*Mérida – Valente*), princesas com poderes mágicos, aventureiras e com fortes tramas familiares (*Elsa e Ana – Frozen*), além da primeira protagonista polinésia (*Moana – Um Mar de Aventuras*).

É desta fase que delimito meu objeto de estudo. Como dito anteriormente, *Mérida* e *Moana* são personagens que chamaram a atenção do público. A primeira, pela oposição clara ao matrimônio imposto e arranjado pela tradição cultural da família, enquanto na trama polinésia, a personagem quer seguir sua própria aventura sem nenhuma alusão a príncipes encantados ou par amoroso.

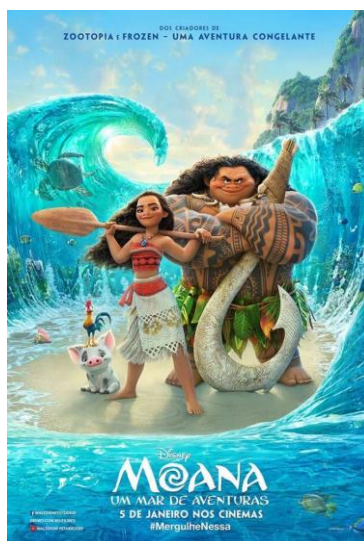
Nessa nova sequência de lançamentos da Disney, aparentemente traços do feminismo começam a tomar lugar e os papéis de gênero, assumidos pelas personagens, sofrem impacto direto das demandas sociais.

Imagem 4 – Pôster do filme Valente, 2012



Fonte: <https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Valente>

Imagem 5 – Pôster do Filme Moana – Um Mar de Aventuras, 2016



Fonte: <http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQGT5Qbj1vt1y-S1-YgSpwEL2XVSgQ1iNvOeA26qzd2V0bs1tTQ>

Importante lembrar que, apesar das escolhas serem animações e voltadas para o público infantil, sua construção é feita de tal forma que as tramas ganham um aspecto objetivo – para além das características claramente ficcionais, permitindo abordagens em salas de aula. Essa característica do cinema é apontada por Napolitano:

Mesmo que o filme seja ficcional e não tenha compromisso algum com a “realidade objetiva”, naquelas horas em que ele é projetado, as emoções e sensações que a experiência do cinema suscita nos espectadores criam um “efeito de realidade” muito forte. Essa característica, que é do cinema em si, se vê potencializada pela capacidade técnica da cinematografia atual, sobretudo a norte-americana, de criar uma encenação

tão realista que nos transporta para o mundo projetado nas telas, seus dramas, personagens, cenários, etc. (NAPOLITANO, 2009, p 11).

Selecionadas as animações (uma de 2012 e outra de 2016), problematizo a forma como poderiam ser atualmente abordadas em sala, com turmas do sétimo ano do ensino fundamental (crianças com idade aproximadamente entre 12 e 13 anos), tendo como base o currículo do Colégio Pedro II. De que forma os papéis sociais de gênero podem ser discutidos dentro de sala? Como utilizar trechos dos filmes como ferramentas pedagógicas com os alunos?

Além da análise destas questões, apresento uma proposta de intervenção pedagógica. Para tanto, analiso o protagonismo feminino nos filmes, começando por Valente e a forma como o papel social da mulher (no caso, a princesa) é visto pela família e pela sociedade austera em um dado período na Escócia – por meio da posição de classe, roupas e comportamentos esperados. Em seguida, discuto o filme Moana: um Mar de Aventuras, em que a protagonista adolescente mostra independência ao longo de sua jornada. Vale ressaltar que em ambos há uma quebra de expectativas, no que diz respeito ao que é esperado como destino das personagens.

Por fim, o trabalho dará sequência à análise fílmica e suas possíveis abordagens em sala, no que diz respeito à questão dos papéis sociais de gênero. Tratando-se de grandes títulos das animações Disney, é importante salientar que, apesar da influência dos filmes no que diz respeito ao campo do consumo e da massificação cultural, este não será o recorte. Apesar da indústria cultural definir cultura como lazer e entretenimento, tornando-a objeto de consumo e muitas vezes esvaziando-a de sentido reflexivo e crítico, busco ir além desse entendimento proposto por Adorno e Horkheimer. Para os autores, “As distinções enfáticas que se fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p 58). Aqui é interessante pontuar o caráter de mercado atribuído aos filmes – nota-se uma hegemonia da cultura audiovisual hollywoodiana. “A arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos colocar em seu centro a obra original” (Benjamin, 1985, p 7). No sentido oposto, Claudio Vieira Pinto (2009) abre a possibilidade para reflexões acerca das obras de animação:

São inúmeros os questionamentos que podemos fazer na busca de compreender a dialética do entretenimento e a mensagem explícita e, sobretudo, implícita que invade as relações sociais na sua dimensão afetiva e particular, mais, especificamente, nos lares e, no caso do cinema de animação, na formação infanto-juvenil, já que este atua como um importante substrato cultural e até mesmo em modelos. É comum observar

os comportamentos de crianças e adolescentes embasados em algum modelo de “herói”, construído a partir da interiorização de caricatura de determinados personagens (PINTO, 2009)

Para além do lucro das produções e venda de produtos vinculados, é necessário buscar pontos nos quais os filmes se tornam socialmente úteis, promovendo o debate em sala de aula.

2. Merida e Moana em sala de aula – Um debate de gênero

Desde minha vivência durante a educação básica no Colégio Pedro II até o atual curso de pós graduação, passando pela licenciatura em Ciências Sociais na UERJ, tive contato com disciplinas que traziam a possibilidade de utilização de filmes e/ou documentários em sala de aula. Cabe ressaltar a importância do cinema não apenas como entretenimento, mas também como objeto de estudo e ferramenta pedagógica. “O cinema é, antes de tudo, uma das experiências sociais mais fortes da sociedade de massas, desde as primeiras décadas do século XX” (NAPOLITANO, 2009, p 11). A partir desta premissa, trazer o cinema para os alunos permite uma nova abordagem sobre determinados assuntos, utilizando-se de várias possibilidades de linguagens e permitindo uma ampliação dos debates em sala. Nesse contexto, é possível citar o trabalho de Vitor Gonçalves Pimenta (2019) em sua pesquisa acerca do projeto Cinema e Opressões no Campus São Cristóvão III no Colégio Pedro II, em que exalta o espaço como local de construção coletiva de conhecimento. Através da análise de entrevistas, o autor observa a dialogicidade presente “nesse espaço de produção de conhecimento, [em que] o debate é percebido como elemento produtor de conhecimento e motivador dos encontros, que, combinado com a exibição do filme, permite ao público navegar em uma determinada história e trocar perspectivas de mundo e interpretações audiovisuais.” (PIMENTA, 2019, p 77). Seguindo este raciocínio:

O filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor. Esta abordagem pode ser mais adequada no trabalho com os Temas Transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. Em princípio, todos os filmes – “comerciais” ou “artísticos”, ficcionais ou documentais – são veículos de valores, conceitos e atitudes tratados nos Temas Transversais, com possibilidade de ir além deste enfoque (NAPOLITANO, 2009, p 20).

O filme (fruto do imaginário do autor que toma forma e age sobre o imaginário do espectador) caracteriza-se como um artefato que exige análises interna e do contexto externo por meio de aspectos selecionados pelas questões de quem analisa (MARTINS, 2007). Assim,

é necessário que sejam feitas escolhas prévias de acordo com o que se espera do debate com os alunos.

É preciso, no entanto, que o professor comece pelas perguntas fundamentais: O que eu quero com esse filme? Em que essa atividade se relaciona com o conjunto da minha disciplina e da área curricular? Quais são os limites e as possibilidades que essa atividade tem para o grupo de alunos em questão? Ao longo do ano, que outros filmes poderiam ser trabalhados de acordo com a orientação? (NAPOLITANO, 2009, p 22).

Dessa forma, fui construindo minhas problematizações durante a segunda metade do curso de pós-graduação. Entretanto, além de definir o tema da monografia, foi necessário viabilizar a metodologia, já que envolveria a utilização de material audiovisual em sala. Utilizando o currículo do Colégio Pedro II como base para a proposta de intervenção pedagógica, além da vivência na escola, me interessou e pareceu ser o melhor caminho a utilização de recursos audiovisuais em sala de aula. De modo geral, trabalhar com filmes já é uma atividade incorporada no programa curricular da instituição, o que leva professores e professoras a vencerem possíveis obstáculos tais como problemas de ordem organizacional, infraestrutura e formação docente. A seleção e a definição de filmes se dá a partir da troca de informações entre colegas, sugestões contidas em livros didáticos, acesso às salas de cinemas, além do acesso à internet que também permite maior facilidade para encontrar títulos variados. José Amaral Cordeiro Junior (2015) traz, em seu artigo “Os filmes sobre trabalho pelo livro didático: uma análise das sugestões de filmes nas obras do PNLD 2015 de Sociologia”, uma pesquisa acerca das propostas de utilização de filmes em sala, baseando-se nas três obras didáticas mais escolhidas por professores de escolas públicas do Brasil¹⁴. Como resultado da análise, observa uma dicotomia entre a maneira diretiva (filmes como meros apêndices aos capítulos, ilustrando os conteúdos desenvolvidos nos livros) e a maneira construtivista (acompanhada de algum método para aplicação, tal como debate, atividade interdisciplinar, seleção específica de um trecho) (JUNIOR, 2015). Vale ressaltar o que talvez seja o maior desafio na criação de métodos adequados para utilização de filmes em aula: cortes de cenas, debates de assuntos polêmicos, diferenças entre “gostos”, instrumentos de avaliação da atividade (MARTINS, 2007). Considerando a viabilidade do projeto, segui para a escolha das animações.

¹⁴ *Sociologia em movimento* (Ed. Moderna); *Sociologia hoje* (Ed. Ática) e *Sociologia para o ensino médio* (Ed. Saraiva).

Em filmes e programas voltados para jovens e crianças, os personagens podem ser analisados através da forma como desempenham seus papéis sociais de gênero. Seja reafirmando ou mesmo contestando padrões de comportamento que se esperam de meninos e meninas. Nas animações escolhidas para este trabalho, um dos pontos que mais chama a atenção é a forma como esses papéis, representados pelas protagonistas, divergem ou mesmo contrapõem-se aos exercidos pela maioria das chamadas princesas tradicionais da Disney. Como aponta Xavier Filha (2011), é preciso atentar para toda uma subjetividade incorporada no comportamento das representações femininas nos contos de fadas.

As características físicas e comportamentais desejáveis da subjetividade das princesas são condizentes com o que se espera das condutas femininas ensinadas social e culturalmente. É interessante observar como essas adjetivações compõem as representações de gênero que demarcam a feminilidade hegemônica (XAVIER FILHA, 2011, p 594).

Neste trabalho, a proposta inicial é analisar brevemente os papéis sociais de gênero das protagonistas Merida e Moana. Posteriormente, após verificar como as características femininas estão presentes nos discursos dos jovens em sala de aula, tanto pelas subjetividades quanto pelas representações identitárias do cotidiano, propõe-se uma intervenção pedagógica na qual esses discursos são utilizados, desconstruídos ou reafirmados. A ideia, a princípio, é trazer para o debate a forma como a representação feminina é feita pelos veículos tradicionais de mídia (especialmente voltada para o público infanto-juvenil, alcançando invariavelmente pais, mães e/ou seus responsáveis), trazendo como exemplos estas duas personagens que rompem com arquétipos de feminilidade reproduzidos pela maioria das protagonistas das animações da Disney desde 1937. Por fim, cabe problematizar se “os próprios contos de fadas são instrumentos de artefatos culturais que visam educar para a heteronormatividade” (XAVIER FILHA, 2011, P 600).

Com as animações selecionadas, foi preciso, antes de tudo, reconhecer que um filme é um filme, diferente de textos escritos, da iconografia ou do gráfico. Ou melhor, um filme, enquanto um ramo da arte, não é livro, quadro, peça musical ou teatral, mesmo que dialogue com todos estes veículos e linguagens (NAPOLITANO, 2009, p 14). Apesar de pertencer a um contexto histórico, um filme não reproduz a realidade mas possibilita entender tal contexto:

A imagem não ilustra nem reproduz a realidade mas ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico. O filme é um modo de compreender comportamentos, visões de mundo, valores, identidades e ideologias de uma sociedade. Um modo de lidar com essas representações é articular o contexto histórico e social que o produziu com um conjunto de elementos intrínsecos à própria linguagem cinematográfica (MARTINS, 2007, p 3).

Cabe agora a análise dos filmes em questão, abordando trechos importantes para o debate pretendido em sala de aula. Posteriormente, proponho uma intervenção pedagógica, direcionada para turmas do 7º ano do ensino fundamental, baseada no currículo do Colégio Pedro II, visto que os alunos tem aulas de Ciências Sociais e discutem o tema da construção social das desigualdades de gênero.

2.1 “Um arco Fergus? Ela é uma dama!”

Valente¹⁵ (Brave, em inglês) é um filme estadunidense, fruto da parceria entre os estúdios da Pixar e Disney¹⁶ (a única princesa que não é exclusivamente desse estúdio), sendo a primeira animação da Pixar com uma mulher protagonista¹⁷.

A jovem princesa Merida, filha da rainha Elinor e do Rei Fergus, foi criada pela mãe para ser a sucessora perfeita, seguindo a etiqueta e os costumes do reino. Mas a garota de cabelos ruivos, desarrumados e esvoaçantes não aparenta ter o menor interesse pela vida predestinada à ela, preferindo cavalgar pelas planícies selvagens da Escócia e praticar o seu esporte favorito, a arquearia. Aqui é interessante ressaltar o simbolismo que tal prática carrega: no início do filme, em um aniversário da protagonista (quando ainda era criança), seu pai lhe concede de presente um pequeno arco, fato que mostra a alegria sem tamanho da princesa. Posteriormente, em um breve momento de conversa entre os pais, a rainha verbaliza a frase título do capítulo, deixando claro que a prática do arco e flecha não é bem-vinda para mulheres.

Após uma cena de passagem do tempo, Merida, já adolescente, narra a perda de uma das pernas de seu pai em conflito com o urso demônio Mor'du (antagonista da trama) e apresenta seus irmãos mais novos: Harris, Hubert e Hamish. Neste momento, uma fala da princesa chama atenção: “Eles podem fazer qualquer coisa e eu nunca posso fazer nada”. Na sequência:

¹⁵ Lançado em 20 de julho de 2012 no Brasil, com direção de Mark Andrews e Brenda Chapman, tem duração de uma hora e trinta e cinco minutos e pertence aos gêneros de animação, aventura e comédia.

¹⁶ Outros títulos de sucesso da parceria Disney e Pixar: Procurando Nemo, Carros e Monstros S.A.

¹⁷ Antes do lançamento de Valente, a parceria Disney/Pixar lançou 12 filmes no cinema, protagonizados por animais, brinquedos e carros animados, sendo poucos os que tinham pessoas como personagens principais.

“Eu sou a princesa. Eu sou o exemplo. Eu tenho deveres, responsabilidades, expectativas. Minha vida inteira foi planejada, me preparando pro dia que me tornarei... Bom, minha mãe. Ela manda em cada dia da minha vida” (Valente, 2012).

Frases como “Uma princesa não ri assim”, “Não enche muito a boca”, “Deve cedo levantar”, “Deve ter compaixão”, “É paciente”, “Cautelosa”, “Asseada”, “E, acima de tudo, uma princesa busca a.. bom... a perfeição” são ditas em sequência pela rainha Elinor, trazendo cenas do dia-a-dia da família, em que esta dá lições e prepara a princesa para o que seria seu destino: o casamento com um dos pretendentes de três outros reinos. No entanto, Merida não sabe deste fato até dias antes, achando que bastava, para uma princesa, apenas seguir regras. Quase todas as cenas entre mãe e filha são marcadas pela oposição de ideias, em que a mais nova busca sua própria liberdade, enquanto a mãe privilegia a aceitação da tradição imposta.

Antes da competição, é organizada uma apresentação dos pretendentes, para escolher o futuro marido de Merida. Nesta cena, mais uma vez pontos como organização e respeito são atrelados à imagem da rainha, enquanto todos os homens se envolvem em uma grande confusão, demonstrando competitividade entre si. No discurso real, é dito que os primogênitos de cada um dos grandes líderes podem ser apresentados e competir entre si em um desafio proposto pela própria princesa. Dessa forma, o desafio escolhido é de arquearia, visto que ela também é primogênita de um dos reinos e decide participar do desafio pela própria mão por meio de sua prática favorita. Desafio vencido, rainha e princesa discutem, causando a fuga de Merida que, ao partir, encontra uma bruxa e pede um feitiço que mude sua mãe e seu destino.

Imagem 6 – Cena do Filme Valente, 2012



Fonte: <https://slate.com/culture/2012/06/braves-merida-like-robin-hood-splits-arrows-can-you-really-split-an-arrow-with-an-arrow.html>

Quando o feitiço surte efeito, a transformação da rainha não é exatamente o que Merida pensava. Neste arco da história, basicamente a trama concentra-se na união entre mãe e filha

enquanto a rainha está enfeitada, transformada em urso, focando numa reaproximação das duas. No clímax, a família enfrenta o inimigo do reino, urso Mor'du, vencendo-o e conseguindo por fim desfazer o feitiço. O conceito de “felizes para sempre” mostra a reunião familiar e os conflitos do reino apaziguados sem que a princesa necessite casar com um dos pretendentes.

Para o presente trabalho, a primeira meia hora de filme torna-se mais importante, mostrando a dicotomia entre o que é (ou espera-se que seja) uma princesa por parte da rainha - e das tradições locais - além da noção de autonomia e liberdade da protagonista. Neste trecho, o que se espera de Merida está ligado diretamente ao debate sobre os papéis sociais das mulheres atualmente. Tal dicotomia entre o que é ou não aceito está estreitamente ligada aos papéis sociais de gênero e é abordada por Louro (1997):

A proposição de desconstrução das dicotomias — problematizando a constituição de cada polo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada polo não é uno, mas plural, mostrando que cada polo é, internamente, fraturado e dividido — pode se constituir numa estratégia subversiva e fértil para o pensamento (LOURO, 1997, p 31).

2.2 “Primeiro, eu não sou uma princesa.”

Moana – Um Mar de Aventuras¹⁸ conta a história de Moana Waialiki, habitante da ilha de Motunui. Sem castelos ou vestidos pomposos, é uma jovem corajosa, filha de Tui - chefe de uma tribo na Oceania, vinda de uma longa linhagem de navegadores e Sina. Sua avó paterna, Tala, mantém uma estreita relação com a neta, desde sua infância, contando lendas e histórias e incentivando Moana a descobrir o que existe para além da vila, falando para que siga sua voz interior – o que ela realmente deve ser.

Como acontece em Valente, logo no início do filme é frisada a importância das tradições para a trama. Numa apresentação musical da vila, a canção entoada pelo chefe apresenta os deveres da futura responsável pela tribo, sempre opondo o que é certo, conhecido e próximo ao que é duvidoso, desconhecido e distante. Quando aparentemente Moana aceita seu destino, ela conhece uma última história dos seus ancestrais e descobre que seu povo era de exploradores e, assim, a nova tradição na verdade tenta apagar o passado. Com a morte de sua avó e seu último pedido, Moana atravessa o recife e segue atrás de Maui, semideus protagonista de uma lenda antiga, responsável pela desordem causada ao retirar o coração de Te Fi Ti, a ilha mãe

¹⁸ Filme estadunidense lançado em [05 de janeiro de 2017](#) no Brasil. Com direção de [John Musker](#) e [Ron Clements](#), tem duração de uma hora e quarenta e sete minutos. Pertence ao gênero de animação.

que compartilhava poder de criação com o mundo. Escolhida pelo oceano e com a relíquia dada pela sua avó nas mãos, Moana inicia a aventura.

Na segunda parte do filme, encontrado o semideus, Moana segue em mar aberto, onde enfrenta terríveis criaturas marinhas e descobre histórias do submundo. No primeiro desafio, adentra em um navio pirata e enfrenta sozinha os inimigos, se lançando ao mar, se pendurando em cordas e trocando golpes com o remo do seu barco, enquanto o semideus tenta fugir. Passado o perigo, Moana e Maui fazem um acordo, em que ele aceita ajudar a garota desde que eles peguem seu anzol mágico e, assim, possam devolver o coração da ilha e salvar o mundo.

Imagem 7 – Arte oficial do Filme Moana – Um Mar de Aventuras, 2017



Fonte: <https://thefarmgirlgabs.com/check-out-the-official-moana-trailer/>

Num diálogo emblemático, a bordo do pequeno barco, a garota pede que Maui a ensine a navegar e velejar. Eis que ele, numa clara referência aos filmes anteriores da Disney, responde:

Maui: Se chama “explorar”, princesa. Não é apenas velejar e dar nós, é ver para onde está indo na sua mente. É saber onde está, sabendo por onde passou.
 Moana: Certo, primeiro, não sou uma princesa, sou a filha do chefe.
 Maui: Mesma coisa.
 Moana: Não.
 Maui: Se está com um vestido e tem um animal de companhia, você é uma princesa. Você não é uma exploradora e nunca será uma exploradora (Moana – Uma Mar de Aventuras, 2017).

Aparentemente, existe uma barreira determinante entre aqueles nascidos para explorar os oceanos (eu) e os que aceitam os limites do mar (os outros). Maui posiciona-se, até então, subestimando as habilidades da garota, que além de ter uma linhagem exploradora, não se

entregou frente às novas tradições impostas na vila, seguindo os conselhos da sua avó. Dessa forma, conseguem o anzol mágico e continuam a aventura, estreitando a relação de amizade entre os dois. Ao longo da história, Maui percebe o papel desempenhado por Moana no decorrer da aventura:

“E se eu fosse o oceano, acho que eu procuraria por uma cacheada, não-princesa, para começar tudo de novo” (MAUI, Moana – Um Mar de Aventuras, 2017).

Seguindo para o arco final da animação, com ambos personagens se questionando a respeito de suas motivações, fica muito claro como eles se ajudam em vários momentos. A trama clássica da princesa indefesa, que apenas consegue um final feliz por meio dos atos do príncipe salvador, não tem espaço aqui. Apesar do suporte de Maui, Moana enfrenta o último desafio, entrega o Coração de Te Fi Ti e salva seu próprio povo, quebrando a maldição e devolvendo à sua ilha a vida e cor que sempre tiveram.

Após esta breve apresentação dos filmes, é possível recortar algumas cenas em cada um para utilização em sala de aula. Partindo da abordagem dos papéis sociais de gênero, penso que apresentar Merida e Moana para os jovens do 7º ano do ensino fundamental de forma didático-pedagógica, permite uma reflexão coletiva sobre o assunto.

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1997, p 27).

Baseando-se na citação de Louro, é possível entender a construção social que é feita em torno da dinâmica do gênero. As identidades não se mostram estáticas; pelo contrário, elas apresentam-se em constante transformação, de forma que uma análise constante é necessária para seu entendimento. Comportamentos considerados masculinos ou femininos podem variar de acordo com o período histórico e a cultura analisada. Para tanto, no próximo tópico, trarei uma proposta metodológica para realizar a abordagem da construção dos papéis sociais de gênero com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental, utilizando-se do audiovisual em sala de aula.

2.3 Proposta de intervenção pedagógica

Apresentados os filmes, a proposta é aproveitar o cinema em sala de aula visando problematizar a representação feminina nas animações em destaque da Disney.

Apoiado no currículo em vigor do Colégio Pedro II utilizado nas turmas de sétimo ano, é possível fazer uma abordagem de gênero dentro da disciplina de Ciências Sociais. Pautado pela idade média dos alunos, na contramão daquilo que o corpo docente muitas vezes considera “chato” por fugir ao seu padrão de consumo audiovisual (MARTINS, 2007), as animações ganham um papel crucial para o tratamento do assunto, seja por meio da linguagem dos filmes (voltada para o público infante-juvenil), seja pelo alcance que a indústria cultural permite (a construção do filme como um todo, além da sua distribuição em massa).

Os dois filmes, além de serem produzidos por estúdios de grande porte, foram lançados no circuito dos cinemas em vários países do mundo, tendo grande sucesso no mercado brasileiro.

Nas duas vezes que tive oportunidade de estudar no Colégio Pedro II (tanto no ensino básico quanto na pós graduação), pude observar que a instituição dispõe de estrutura para a utilização de recursos audiovisuais em sala de aula, por meio de maquinário próprio. Ponto extremamente importante para viabilizar este tipo de trabalho didático, já que existe uma limitação de recursos em muitas escolas das redes públicas municipal e estadual espalhadas pelo Rio de Janeiro¹⁹. Dessa forma, partindo do pressuposto de que o currículo permite a abordagem do tema e a instituição facilita esse tipo de trabalho, tento construir uma proposta de intervenção didática para utilização em sala de aula.

Proponho a utilização de quatro tempos de cinquenta minutos – separando dois para cada filme. Fazendo um recorte de cenas principais para exposição (com tempo máximo de meia hora) posteriormente dedicaria setenta minutos de aula para explicação do tema, análise dos trechos dos filmes e realização de exercícios complementares.

Como proposta para o primeiro dia, pode-se inserir o tema perguntando aos alunos quais suas vivências e lembranças quando se fala de “princesas” nas animações do cinema, de forma que algumas de suas falas sejam registradas no quadro, para posterior análise e comparação. É interessante partir das percepções dos alunos, das características que eles atribuem a determinadas identidades de gênero, identificando as mais recorrentes ou mesmo de quais personagens eles se lembram mais. Aqui, é crucial a possibilidade de dar voz aos alunos

¹⁹ Fato discutido em várias aulas da pós graduação pelos colegas que trabalham na rede pública de ensino.

trazendo-os para uma participação mais ativa em aula. Utilizando a concepção de Paulo Freire (1987), faz-se necessário ir além de uma concepção bancária de educação, imobilista, buscando uma relação dialógica com o corpo discente.

Enquanto, na concepção “bancária” – permita-se-nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 1987, p 71).

É possível traçar as percepções dos alunos no que tange ao tema em questão, fazendo com que interajam entre si, abrindo caminho para o assunto e a abordagem do professor.

Há ideia de que além de expressão de uma convenção de representação, a imagem é também apropriada por indivíduos que incorporaram modos de representação e potencialidades de leitura da imagem que estão mediados pela cultura, pela sua história pessoal (MARTINS, 2007, p 4).

Anotadas as características e personagens citados pelos alunos, apresenta-se a primeira animação: Valente. Torna-se importante um roteiro entregue para cada um com sinopse e informações do filme, além de atividades propostas. “Informações complementares sobre a obra, o diretor, o roteirista, o(s) país(es) de origem do filme, se foi baseado numa peça de teatro, num livro ou é um roteiro original, sobre os atores e profissionais, se são reconhecidos ou premiados, iniciantes ou pouco reconhecidos pelo seu trabalho, etc., sempre serão bem-vindas.” (NAPOLITANO, 2009, p 29).

No início do filme, algumas informações sobre a trama e a protagonista são muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Durante a primeira meia hora (recorte utilizado para a exposição em sala de aula), fica clara a oposição entre o papel social de gênero esperado da protagonista como a filha dos reis e as suas próprias vontades. A princesa Merida já se mostra contra as imposições da mãe e da tradição social, negando seu casamento arranjado com pretendentes de outros reinos. Durante sua narração e diálogos, várias vezes são realçados papéis esperados da princesa no que diz respeito a deveres, responsabilidades e expectativas.

Expostas as cenas, a proposta é realizar com os alunos um debate acerca das suas percepções dos trechos do filme, retomando o que foi trazido por eles no início da aula. Merida traz consigo características como autonomia, independência e forte personalidade. A relação

princesa x príncipe perde espaço quando comparada às obras anteriores do estúdio, já que não há par romântico para a protagonista e o matrimônio é por ela mesma rejeitado. A figura do príncipe não tem papel relevante ao longo da trama, muito menos vinculado a um “final feliz” que, neste caso, ocorre entre a protagonista e sua família.

Como exercício de fixação, seriam propostas duas questões atreladas a um roteiro escrito para que os alunos respondessem ainda em sala; a primeira: quais as duas princesas protagonistas de filmes ou animações estão mais presentes na memória dos jovens. Em seguida, a pergunta giraria em torno das diferenças (ou semelhanças) observadas entre as características de Merida e as personagens lembradas na questão anterior.

Considerando a segunda aula, proponho a exposição de cenas do filme Moana – um Mar de Aventuras. A história aborda a aventura da jovem polinésia tentando salvar sua tribo e enfrentando obstáculos grandiosos. Ao longo da trama, ela conhece o semideus Maui e juntos concluem seus objetivos. Com características próximas à personagem do filme anterior, Moana surpreende pela autoconfiança, heroísmo e empoderamento, com ausência total de romance na sua história. Mais importante do que aquilo que não é - um conto de princesa ou uma história de amor - é uma história de autodescoberta.

Após a seleção e exposição das cenas, volta-se aos alunos para debate, buscando-se semelhanças entre os dois filmes e comparações com a representação de personagens femininas em filmes e desenhos em geral. Interessante buscar de que forma o protagonismo feminino está presente na memória dos jovens.

Como proposta de exercício complementar, baseando-se nas duas animações apresentadas, nos debates e nas percepções pessoais, os estudantes devem elaborar, em grupo, uma cena de filme protagonizada por uma personagem do gênero feminino, desconstruindo e reconstruindo papéis sociais de gênero.

3. CONCLUSÃO

Neste trabalho analisei duas animações do estúdio Disney - “Valente” e “Moana – Um Mar de Aventuras” - e sua possível utilização como recurso audiovisual em turmas do 7º ano da Educação Básica para o debate acerca da desigualdade nos papéis sociais de gênero. Utilizando o audiovisual como ferramenta didática na formação acadêmica de adolescentes, tal recurso pode funcionar como meio de discussão de inúmeros temas, abordando os conteúdos programáticos presentes no currículo escolar.

Busquei, através das animações, opções para dialogar com os alunos mais jovens, tanto me apoiando no apreço desse gênero de filmes, quanto em sua linguagem e alcance mundial que possuem dentro da indústria cultural. Para realizar esta tarefa, primeiramente tracei uma breve trajetória dos filmes de “princesas” do estúdio acima referido, mostrando de que forma algumas características das protagonistas sofreram mudanças diretamente ligadas às demandas histórico-sociais. Traçadas as características e suas mudanças, selecionei dois filmes, tendo como base, além do protagonismo e independência das personagens, a ausência do matrimônio envolvendo as mesmas – visto que esta união está presente em todos os outros filmes do estúdio.

Considerando o currículo do Colégio Pedro II e a infraestrutura da instituição, a utilização do audiovisual em sala de aula se torna uma possibilidade real, permitindo uma formação mais ampla, crítica e imaginativa por parte dos alunos.

Na proposta de intervenção em sala de aula, busco uma construção coletiva do conhecimento, por meio do debate e para além da concepção do estudante como receptor passivo de conteúdo. Incentivando os alunos para o debate através de suas percepções pessoais, busco uma forma de interação entre eles e o professor, de maneira que as interpretações dos filmes permitam uma relação dialógica em sala. Essa conversa entre os próprios alunos e entre alunos e professor potencializa as possibilidades de interpretações das narrativas estreitando ou mesmo invertendo possíveis hierarquias.

Apresentando o tema, os estudantes podem participar trazendo ideias do que pensam acerca dele, com lembranças e imaginação. Partindo destas percepções, os filmes são apresentados e, por meio do debate, tais ideias são trabalhadas, de forma a serem repensadas pelos alunos e pelo professor (a). Essa participação é muito importante tanto para o corpo docente quanto para o discente. Como alternativa às práticas mais tradicionais de transmissão de conhecimento, na qual o professor “deposita” o que sabe nos alunos, trazer estes para o debate efetivo do tema permite que tenham maior voz em sala, trazendo seus conhecimentos prévios e permitindo mais possibilidades de desconstrução e construção de saberes.

Tão importante quanto o tema abordado – no caso, as desigualdades acerca dos papéis sociais de gênero, é a construção coletiva do conhecimento através do compartilhamento de diferentes visões. O conteúdo ao ser debatido com o outro permite pontos de vista críticos, abrindo possibilidades para entendimentos variados e melhor construção de opiniões. Dessa forma, é possível que posturas mais individualistas sejam problematizadas, desconstruindo preconceitos e expandindo relações cada vez mais dialógicas em sala de aula

4. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de Conteúdo. Versão 2009. – Rio e Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009

BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-08012013-124856. Acesso em: 2019-06-23.

DISNEY Princesas. Brasil, c1996. Disponível em: <https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Disney_Princesa>. Acesso em: 25 Jun., 2019.

EBERSON, Kaitlin. How Fourth-Wave Feminism is Changing Disney's Princesses. **High Brow Magazine**, 2014. Disponível em: <https://www.highbrowmagazine.com/4388-how-fourth-wave-feminism-changing-disney-s-princesses>. Acesso em: 10 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JUNIOR, José Amaral Cordeiro. **Os filmes sobre trabalho pelo livro didático: uma análise das sugestões de filmes nas obras do PNLD 2015 de Sociologia**. I Seminário de Ciências Sociais e Educação Básica: O Sentido das Ciências Sociais na Educação Básica. Rio de Janeiro: 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, Campinas, v.19, n.2, p.17-23, Aug. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Oct. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>.

MARTINS, Ana Lucia Lucas. **Cinema e ensino de Sociologia: usos de filmes em sala de aula**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007.

MCCANN, Hannah et al. **O livro do feminismo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. **Caderno de Cinema do professor**. São Paulo, 2009.

PIMENTA, Vítor. **O CINECLUBE EM AÇÃO: Reflexões sobre o uso do audiovisual na escola básica**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2019. 87 f. Trabalho de conclusão de curso

(Pós Graduação em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação Básica, Colégio Pedro II, 2019.

PINTO, Claudio Vieira. Cinema de Animação: Entretenimento e Ideologia do Capital na Formação Infanto-Juvenil. **Projeto Tela Crítica**, 2009. Disponível em: <http://www.telacritica.org/ArtigoPintoTelaCriticarevista2.htm>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SARDENBERG, M. B. Cecília. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. 2006. 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 19, n. 2, p. 591-603, Aug. 2011.

APÊNDICE A – PLANO DE AULA

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
(PROPGPEC)
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
BÁSICA

Proposta de intervenção pedagógica

Tema da aula: Desigualdade nos papéis sociais de gênero

Série: 7º Ano / Ensino Fundamental

Trimestre: 3º Trimestre

Duração da aula: 6 Tempos (270 minuto), divididos igualmente em 2 tempos seguidos em cada semana.

Justificativa: Vivemos em um mundo no qual, a todo momento, são observadas as desigualdades nos papéis sociais de gênero. Por mais que, às vezes, sejam pouco perceptíveis ou simbólicas, elas existem e precisam ser entendidas e desconstruídas. A aula tem como meta principal desenvolver o debate sobre essa construção desigual que historicamente se perpetua, desde o nascimento até o fim das vidas de homens e mulheres. Tomando a desigualdade nos papéis de gênero como objeto das Ciências Sociais, pode-se utilizar diferentes materiais para sua análise, como por exemplo duas animações para propor o debate. Pretende-se que os alunos reconheçam a relação desigual na qual a sociedade molda os indivíduos como masculinos e femininos.

Objetivo geral da aprendizagem:

- (a) Compreender a relação entre os gêneros.

Objetivos específicos da aprendizagem:

- (a) Compreender como a imagem das mulheres foi representada nas animações infantis dos estúdios Disney pelas protagonistas;
- (b) Compreender como estas representações vem se alterando, baseando-se nas animações “Valente” e “Moana – um mar de aventuras”;
- (c) Compreender de que forma as novas representações femininas estão se construindo no papel das protagonistas das animações.

Conteúdo:

- Papeis sociais de gênero: Representação do feminino nas protagonistas Merida e Moana das animações dos estúdios Disney;

Metodologia:**Aula 1:**

- Identificar, por meio de debate, as formas com que os alunos percebem os papeis sociais de gênero na sua realidade, solicitando exemplos de desenhos e animações;
- Apresentação de trechos da animação “Valente”, com posterior debate;
- Trabalhar com os alunos o conceito de papel social de gênero, relembrando os exemplos;
- Fazer a leitura do texto complementar (produzido e entregue) com os estudantes, grifando conceitos e trechos importantes;
- Escrever no quadro, sempre que necessário, realçando palavras chave e conceitos;
- Solicitar aos alunos a realização dos exercícios complementares;
- Tirar dúvidas dos alunos;

Aula 2:

- Relembrar tópicos importantes da aula anterior;
- Apresentação de trechos da animação “Moana – um mar de aventuras”, com posterior debate;

- Relacionar os trechos apresentados com a animação apresentada na aula anterior, conversando com os alunos e anotando no quadro, quando necessário;
- Fazer a leitura da folha complementar, grifando conceitos e trechos importantes;
- Escrever no quadro, sempre que possível, realçando palavras chave e conceitos;
- Solicitar aos alunos a realização dos exercícios complementares, em grupo, para ser entregue ao fim da aula;
- Tirar dúvidas dos alunos;

Recursos Didáticos: Filme (mídia física e/ou digital), projetor, quadro branco, caneta pilot, exposição oral e escrita, material elaborado pelo professor e folha de exercícios.

Fixação: Grifar no texto organizado os conceitos, trechos e ideias centrais e avaliar as folhas entregues.

Avaliação para verificação de aprendizagem: Na primeira aula, será proposta uma atividade individual para ser realizada em sala de aula. Na segunda, serão propostas duas atividades, uma individual e outra em grupo.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE AULA

PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO

VALENTE

Sinopse:

A jovem princesa Merida foi criada pela mãe para ser a sucessora perfeita ao cargo de rainha, seguindo a etiqueta e os costumes do reino. Mas a garota de cabelos rebeldes não tem a menor vocação para esta vida traçada, preferindo cavalgar pelas planícies selvagens da Escócia e praticar o seu esporte favorito, o tiro ao arco. Quando uma competição é organizada contra sua vontade, para escolher seu futuro marido, Merida decide recorrer à ajuda de uma bruxa, a quem pede que sua mãe mude. Mas quando o feitiço surte efeito, a transformação da rainha não é exatamente o que Merida imaginava... Agora caberá à jovem ajudar a sua mãe e impedir que o reino entre em guerra com os povos vizinhos.²⁰

Lançado em 20 de julho de 2012 no Brasil. Com direção de Mark Andrews e Brenda Chapman, tem duração de uma hora e trinta e cinco minutos e pertence aos gêneros de animação, aventura e comédia.

MOANA – UM MAR DE AVENTURAS

Sinopse:

Moana Waialiki é uma corajosa jovem, filha do chefe de uma tribo na Oceania, vinda de uma longa linhagem de navegadores. Querendo descobrir mais sobre seu passado e ajudar a família, ela resolve partir em busca de seus ancestrais, habitantes de uma ilha mítica que ninguém sabe onde é. Acompanhada pelo lendário semideus Maui, Moana começa sua jornada em mar aberto, onde enfrenta terríveis criaturas marinhas e descobre histórias do submundo.²¹

Filme estadunidense lançado em 05 de janeiro de 2017 no Brasil. Com direção de John Musker e Ron Clements, tem duração de uma hora e quarenta e sete minutos. Pertence aos gêneros de animação e família.

Afinal, o que se entende por gênero?

Gênero é a identidade assumida ou atribuída de acordo com o sexo ou com o papel exercido socialmente. Essas identidades, que são constructos sociais, vêm sendo questionadas historicamente; nas Ciências Sociais, as “questões de gênero” referem-se às desigualdades de condições entre homens, mulheres e transgêneros.

Como podemos estabelecer uma sociedade com base no respeito à diversidade, com igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres frente a uma cultura machista?

²⁰ Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-135528/>>. Acesso em: 05 out. 2019.

²¹ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-225958/>>. Acesso em: 05 out. 2019.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

- 1) Quais os principais personagens do sexo masculino e feminino de desenhos e animações você consegue se lembrar? Cite pelo menos dois homens e duas mulheres sinalizando algumas de suas características.

- 2) Com base nos trechos do filme “Valente”, quais as características mais marcantes da princesa Merida? Você acha que existem muitas diferenças entre a princesa Merida e as outras personagens lembradas na questão anterior?

- 3) Com base nos trechos do filme “Moana – um mar de aventuras”, quais as características mais marcantes de Moana? Cite algumas semelhanças entre esta personagem e a princesa Merida.

-
-
- 4) Tendo em vista o debate em sala, nos trechos das animações assistidos e nas suas percepções acerca de gênero, produza, em grupo, uma breve cena na qual a protagonista seja uma menina ou mulher.
